

TRONCOS DA FAMÍLIA MONTE NO CEARÁ E NO BRASIL (*)

(Carta do Dr. H. Monte ao Redator dos "Troncos",
Publicação do "Unitário")

«Rio, 18 de maio de 1916.

João Brígido:

Dou-lhe os meus parabéns pela continuação de sua vida sempre ativa e intelectual, sem os embates, ainda, dos efeitos comprometedores da longevidade, o que não é comum nos climas quentes como o do Ceará.

Estou lendo e colecionando suas notas sobre troncos cearenses para fornecê-las ao Major Liberato Bittencourt em organização de um trabalho a publicar sobre homens do Ceará e no Ceará.

Infelizmente, desapareceu do meu gabinete o número do *Unitário* que trata dos Albuquerque e Nogueiras; e, seria favor se, tendo-o, m'o mandasse.

Algumas de suas notas pedem modificações; e estou certo que as fará, com vagar, à proporção que lhe forem chegando dados sinceros e razoáveis no esclarecimento de fatos com direito à consideração de históricos.

Enquanto aos Montes, não entraram eles no Ceará partindo dos sertões da Bahia e de Cotinguiba.

No século XVII, perseguidos pela Inquisição e tendo perdido os pais, chegaram no Recife 5 irmãos Montes, espanhóis de nascimento, sendo 2 homens e 3 mulheres.

Um deles e duas irmãs fixaram residência em Pernambuco, formando famílias, de uma das quais descende o conde de Irajá, D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, bispo do Rio de Janeiro.

O outro irmão, Geraldo Monte (1), com a irmã que o acompanhou, inter-nando-se pelos sertões de Pernambuco, foi ter ao Ceará.

Esta, casando-se, perdeu o nome de família, substituindo-o e seus descendentes pelos dos Pinheiros, Melos, Fernandes Vieira (2) e outros.

(*) A carta-documento em foco foi inserida no *UNITARIO* de 4 de junho de 1916, edição de domingo, tiragem nº 2.168, ano XIV, e estava em vias de desaparecimento, por extravio, já que nenhum exemplar foi encontrado na redação do jornal que a divulgou, no Arquivo Público ou na Biblioteca do Estado. O número do qual foi extraída esta cópia pertencia ao Sr. Leonardo Feitosa e ora faz parte da Coleção de Documentos do Dr. Carlos Feitosa.

De Geraldo Monte descende o Capitão-Mor Manuel José do Monte, que desposou Ana América Uchoa, filha do Capitão-Mor José de Xerez Furna Uchoa, provindo d'êste consórcio o parentesco dos Montes com os Liras (3), Xerez, Uchoa, Albuquerque, Cavalcanti, Vasconcelos, Góes e Vasconcelos Holanda, sendo Arnaud de Holanda, que chegou ao Brasil em 12 de março de 1550, filho de Henrique de Holanda, Barão de Renoburgo e de D. Margarida de Florêncio, irmã do Papa Adriano VI (4), o tronco, entre nós, dessas linhagens, a que pertencia e representava.

Um filho do Capitão-Mor Manuel do Monte, e do mesmo nome, não podendo por imposições paternas realizar casamento com uma moça de família a quem havia raptado, deixou o Ceará, internando-se pela Bahia e, margeando o São Francisco, foi ter à cidade de Penedo, em Alagoas, onde casou-se e firmou residência.

Foi êste o tronco dos Montes em Alagoas e Sergipe, ficando em Penedo os filhos José Lourenço do Monte e Manuel da Conceição Monte; aquêle, que casou-se na família do Barão de Cotinguiba; tendo êste tomado ordens sacras beneditinas.

João José do Monte casou-se em Penedo com uma filha do Comendador Antônio José da Silva Travassos, ali foragido por lutas políticas em Sergipe, voltando depois a residir em Sergipe, acalmadas as paixões partidárias.

Foram três os irmãos Travassos, de origem portuguesa, que chegaram ao Rio de Janeiro no século XVIII, indo dois residir na Ilha Grande, descendendo dos quais o Dr. Carlos Travassos, médico naturalista, falecido em 1915, e o General Travassos, falecido por ocasião da revolta militar no governo do Conselheiro Rodrigues Alves.

O terceiro Travassos foi residir em Sergipe, descendendo d'êle o Comendador Travassos, o Dr. João Ferreira de Brito Travassos e o Padre Francisco Travassos, que foi vigário na Divina Pastora.

Foram quatro filhos de João José do Monte que, de Cotinguiba, seguiram para o Ceará, firmando aí residência entre parentes; e não pessoas dos primeiros Montes.

Há erro de apreciação de sua parte ou falsa informação dada, de haver na linhagem de Arnaud de Holanda (5) bastardia por prole de um Papa Adriano, como diz, com certa dama de honor de uma rainha de Portugal.

Foram 6 os Adrianos, pontífices, e de entre êles, notáveis, Adriano IV, o inglês, filho de um mendigo, e Adriano VI, o alemão, filho de um tecelão.

Pelas datas e pessoal de que tratam suas notas, deve ser o Papa, a quem alude, Adriano VI, nascido em Utrecht em 1459, nomeado por Felipe I, preceptor do filho de Carlos V em 1505, quando êle era professor de teologia e vice-chanceler da Universidade de Louvain; nomeado regente da Espanha por Carlos V, em 1516 a 1519, quando foi proclamado rei da Espanha e imperador da Alemanha, no comêço de suas lutas com Francisco I, cardeal poucos anos depois e Papa eleito em 1522, faleceu em 1523 com 64 anos.

Como Adriano IV, foi Adriano VI um homem austero em costumes, diz a história eclesiástica e civil.

A dama, naquela época, parenta dos Albuquerque e Cavalcantes, que serviu como dama de honor da rainha Catarina, irmã mais moça de Carlos V e mulher de João III de Portugal, foi D. Joana de Góes e Vasconcelos, casada com Bartolomeu Rodrigues, descendendo ela dos Cavalcantes e Albuquerque pelo lado paterno e não originando-os.

Nesses tempos eram as damas de honor escolhidas, como realce da Côrte, entre as mais belas moças e de linhagem fidalga; e sendo D. Catarina de idade de 17 anos, quando casou-se em 1522, deviam suas damas de honor ser mais ou menos de igual idade.

Carlos V nasceu em 1500. Fernando, o irmão mais moço, em favor de quem abdicou a coroa imperial da Alemanha, nasceu em 1503. D. Catarina foi em 1505, um ano antes da morte de Felipe I, aos 28 anos.

Combinadas as datas, idades, residências, fases da vida de cada qual, é inadmissível a afirmativa de descendentes de Adriano Boyers, antes e quando Papa, com D. Joana de Góes e Vasconcelos.

Em 1522, quando D. Catarina foi rainha de Portugal e nomeou suas damas de honor, era em Roma cardeal Adriani de Boyers, eleito Papa na idade de 63 anos.

Os Cavalcantes, entrelaçados nas linhagens dos Holandas, Vasconcelos, Liras, Xerez e Albuquerque, eram de origem italiana e não alemã, nem castelhana.

No Sobral existem Cavalcantes de duas origens: uma italiana, que se prende aos descendentes dos Arnaud de Holanda, casado com D. Brites Mendes de Vasconcelos, filha da dama de honor de D. Catarina, chegados ao Brasil em março de 1550; tendo alguns destes tomado os sobrenomes de Rocha Cavalcante, Pajé, pela moradia nos olhos d'água do Pajé, na ribeira do Aracatiagu.

Os outros Cavalcantes são de origem portuguesa, terminando, por isso, a escrita do nome em te e não ti.

Os de origem portuguesa são entrelaçados com os Bragas Tôrres, Pimentéis, em que entrou o Dr. Joaquim Cruz, casado com uma Braga Tôrres, e também o Dr. João Tomé de Sabóia, com uma filha de Antônio Raimundo Cavalcante Filho, irmão do Dr. Domingos Olímpio e Coronel Felinto Braga Cavalcante, e, pelo lado materno, sua prima-irmã, sendo ambos netos do Coronel José Sabóia.

Esta está muito longe e ficou aí.

Mande-me o Unitário pedido. Lembranças aos seus.

Do velho amigo,

HELVÉCIO MONTE

) : () : () : (

Note bem: Não comportando o Unitário publicações mul longas pela sua mingua de espaço, reservamos a resposta desta missiva para a edição da próxima terça-feira, sendo que, nessa oportunidade, examinaremos muitas opiniões e conceitos da carta supra, apontaremos as fontes de onde haurimos certas notícias e retificaremos algumas informações que não combinem com as emendas que nos propôs o ilustre e ilustrado Dr. Helvécio Monte, J. Brígido.